

SOBRE A LIBERDADE E DEMOCRACIA

(II série de cadernos políticos, para a compreensão de temas da nossa guerra)

Não pretendemos fazer definições abstractas destes conceitos, mas sim apresentar, tanto quanto possível, a situação em que não existe liberdade nem a democracia é permitida. Com isto queremos fazer compreender a todos, com clareza e de forma objectiva, que realmente se deve lutar pela liberdade, pela democracia e pela justiça. E a nossa asfereç também proporcionar a todos quantos estejam dispostos de fazê-lo, oportunidade de conhecer melhor o que pensa o FRETILIN sobre determinadas questões. Sabemos que muita gente válida se encontra confundida em dúvidas e porquê sem resposta. Como o foi na I série sobre a Unidade Nacional, a nossa intenção somente esclarecer, aclarando assim os pontos básicos pelos quais devemos reflectir sobre o problema de nós todos que não desejamos a integração de nós todos que repudiámos a anexação pela força, de nós todos que queremos Libertar a nossa Pátria e o nosso Povo.

1. A Carta das Nações Unidas, que constitui um documento jurídico em que estão inscritos os princípios basilares de conduta da sociedade humana, tanto com relação aos Povos como com relação ao indivíduo, como ser humano, prescreve que é um DIREITO FUNDAMENTAL DOS POVOS, o de escolher livremente o seu destino.

LIVREMENTE, isto é, com LIBERDADE e, quando dizemos livremente, entendemos que não é por imposição, não é pelo uso da força, não é pelo recurso da guerra. Isso significa, que tem de ser livre, constitui o acto de auto-determinação. Repetimos: UM DIREITO FUNDAMENTAL DOS POVOS! Isto quer dizer que todos os países membros da ONU aceitarão e têm a obrigação de respeitar esse direito. Isto quer dizer também que a cada Povo, grande ou pequeno, é reconhecida a sua identidade étnica, cultural e social. Portugal defendia na ONU, na década de 60, o plurirracismo, como fundamento da "civilização portuguesa", num processo, que dizia, inteiramente diferente dos outros sistemas de colonização europeia. Para além dos aspectos de dominação, opressão e exploração, inerentes ao Colonialismo, o facto que nos separava de Portugal era precisamente o facto de que não tínhamos de comum em identidade étnica, cultural e social.

Somos um Povo distinto do Povo Português. Por razões de "estabilidade da área", Timor-Leste foi invadido e, hoje, embora nestros termos, a tese de "Unidade na diversidade" (e mais ^{curiosamente} o "sama-sama") não é mais que o mesmo argumento de fundo. Nós não somos racistas e somos contra toda e qualquer manifestação de racismo; porém, sob o ponto de vista de identidade étnica, não existe, por mais que nós queiramos fechar os olhos, nem unidade nem semelhança entre os Povos de Timor-Leste, e da Guiné Ocidental (anexada também pela Indonésia com o nome de Irian Jaya como a nós nos deram o bonito nome de "Tim-Tim") nem entre os naturais de Irian Jaya e o Povo Indonésio; nós somos um Povo e o Povo Indonésio é outro Povo. A Indonésia lutou e conquistou os holandeses — teve a liberdade de exercer o seu direito de tornar-se independente. Nós hoje lutamos contra as forças de ocupação para defender a nossa liberdade de exercer, como Povo, o nosso direito de escolher o nosso próprio destino.

A Indonésia violou as leis internacionais e desrespeitou a carta das Nações Unidas; as mesmas leis que lhe asseguram a integridade territorial contra a agressão de outros Países, a mesma carta que lhe reconhece uma identidade como País soberano e independente.

As Povo de Timor-Leste foi negada a oportunidade de se pronunciar livremente sobre o seu destino. Jakarta fala de auto-determinação no "acto de integração de 76" mas até agora nunca ninguém perguntou ao Povo Mau Bere se deseja ou se não deseja realmente a integração. Muitos espíritos podem opedarmos de ingenuos e outros ^{com} postaram-nos lo "para que servem estas lamúrias se Jakarta não aceita?" e outros ainda, mais paternalisticamente como áres de viajados (Jakarta-Bati-Tim-Tim ou mesmo até ONU como diplomatas) dizem: "desiste, porque Jakarta para nada quer saber disto". Mas é aqui precisamente que reside o nó da questão — Guerra ou Paz; ou a nossa extinção, a aceitamos-la, ou a nossa LIBERDADE de exercer o nosso direito! Não podemos haver paz, enquanto ao Povo de Timor-Leste continuar a ser negada a liberdade de se exprimir sobre o seu destino — como direito que lhe é reconhecido! Este é um ponto basilar de princípios para nós!

Nós, todo o Povo de Timor-Leste, como qualquer outro Povo, aspiramos a Paz, desejamos a Paz! Mas a Paz só será possível quando se respeitar a liberdade (que é direito)

que o Povo de Timor-Leste tem de escolher o seu próprio destino. A paz só é possível sem guerra e a guerra só terminará com a saída total das forças de ocupação. A agressão de um País a outro é um acto condenável pela Comunidade Internacional. São as agressões, e o uso da força que provocam a guerra. O Povo Mau-Bere, na legítima defesa da sua liberdade, do seu direito, respondeu com a guerra à guerra imposta. O Povo Mau-Bere entregou ao seu braço armado o sagrado dever de continuar a bater-se pela sua liberdade como Povo, de continuar a bater-se para assegurar a defesa do seu direito de viver como um Povo livre, soberano e independente, de continuar a bater-se para defender a sua identidade como Povo, igual aos outros Povos do Mundo.

A guerra e destruição e não pode haver paz num fenómeno em que prevalece a ordem de matar e destruir. Os sofrimentos, os sacrifícios de toda a ordem são consequências da guerra. É o Povo de Timor-Leste, com consciência disso, de que a sua libertação exige dele imensos sacrifícios e até o da própria vida. O Povo Mau-Bere tomou consciência também de que não poderá alcançar a sua liberdade em bandagem de flores, de que o preço da sua liberdade é o preço desta guerra injusta. Há 9 anos que estamos em guerra e se a forma de luta, que Jakarta impôs ao Povo de Timor-Leste, é o recurso à Resistência Armada, a guerra sustentada pela FRETILIN não só é legítima como o único meio de defender a liberdade e o direito do Povo Mau-Bere. Enquanto Jakarta não se dispuser a cumprir as sucessivas resoluções da ONU que reafirmam sempre o direito do Povo de Timor-Leste à auto-determinação, a FRETILIN promoveu a guerra. Jakarta tem medo do referendin popular, porque sabe que livremente, o Povo repudiaria a integração. O Povo Mau-Bere tem consciência da sua liberdade, o Povo Mau-Bere sabe bem que o seu direito está-lhe sendo negado com o cano das armas, com as perseguições e prisões, desaparecimentos e torturas, massacres e deitamentos. Colocando-se, como o fulcro do nosso pensamento e esforços, a liberdade do Povo de Timor-Leste de escolher o seu próprio destino, entre guerra e paz, só podemos optar pela guerra, porque é pela guerra que está sendo negada essa liberdade e esse direito ao nosso Povo. Não defendemos a guerra pela guerra, mas sabemos distinguir os sistemas de dominação e ocupação.

Não haverá nem justiça nem paz que têm, como princípio, a liberdade de expressão dos outros sistemas de dominação e ocupação. Não haverá nem justiça nem paz enquanto Jakarta mantiver a guerra em Timor-Leste. Contra as suas forças de ocupação, enquanto quiserem guerra, prosseguiremos a guerra. Sempre que Jakarta se dispuser ao diálogo, acabaremos com a guerra. Nós lutamos pela nossa liberdade e o Povo Mau-Bare só pode existir se é livre e o Povo Mau-Bare só poderá falar de paz se exercer essa liberdade. Este é o sagrado património para que lutamos: a nossa identidade como Povo e, consequentemente, a liberdade de agir-nos como Povo.

2. A Carta das Nações Unidas proclama também, como direito de cada indivíduo, a liberdade de expressão, a liberdade de pensamento, a liberdade de consciência e a liberdade de associação. Vamos ter algumas considerações sobre isso:

a - As liberdades individuais e colectivas inscrevem-se nos sistemas. Quando um sistema é opressor — o fascismo, a ditadura (e os sistemas coloniais encontram a sua essência na opressão) as liberdades tanto individuais como colectivas, são negadas à sociedade. Em seu lugar existe a perseguição, as torturas, as prisões arbitrárias, os massacres, os desaparecimentos e os desterrados. A justiça é o fuzil das armas! O crime, as atrocidades, tomam o nome de justiça! A razão é a força e a arma é a lei! Em Timor-Leste é visto mesmo que acontece! Porque existe toda esta injustiça? Porque o sistema necessita de impor, pela força das armas e pelo recurso ao crime, a sua "estabilidade". Os sistemas repressivos são todos iguais — o colonialismo não tem cor; ontem, o fascismo português, hoje o fascismo indonésio; ontem Salazar e Castano, hoje, os generais de Jakarta.

As autoridades ocupacionistas ocupam-se praticamente no recrutamento de agentes para a sua polícia política, a "Intell". O que fazem estes elementos? Espiar, procurar saber o que outras pessoas fazem, de que é que falam, com quem é que conversam, para onde vão, quanto tempo demoram, se estão em casa, etc. e acompanhar os movimentos dos mais desconfiados, provocar conversas sobre a guerra, sobre a FRETILIN, sobre organização clandestina, para estudar as reacções do indivíduo a quem "atiram verdes para caçar maduros",

lançar bombas e informações falsas, etc. e... informar (o tal "laporan") e prender!

Nos sistemas repressivos e nos sistemas de dominação colonial ou, no nosso caso, de ocupação militar, por um sistema anti-democrático a "intell" é o seu suporte básico, sem uma extensa e eficaz rede de "intell", o sistema demorona, o sistema não se aguenta por muito tempo. Assim é que compreendemos que o "Danrem" tem a sua rede, o "Kasi sati" outra, o paltaz que estiver como "guberner" a sua, os "Kodim", os "Kasi sati", os "Koramilo", os "nanggalas", os "polisi", enfim, cada um procura prender mais, matar mais, para subirem de "panjakat". Servem o sistema e servem-se a si mesmos: o com o sangue do nosso Povo! Os estes elementos da "intell" são os naturais de Timor-Leste, são também filhos do Povo Maubere! Por um maço de rapiahs entregam os seus irmãos aos assassinos; por uma motorizada, por uma viagem a Bali, empurram os seus irmãos para as prisões, para as torturas, para as massacres!

A "Intell" constitui, assim, o outro braço do aparelho de repressão do sistema, ao qual um é já o INI. Tanto um como outro servem para silenciar o nosso Povo, estão destinados a subjugar qualquer manifestação contrária à situação que impuseram na nossa Pátria. É a negação de toda a liberdade. Muitos homens de boa vontade podem estar a pensar que se as torturas, massacres, prisão arbitrárias e detentos é que constituem violação dos Direitos Humanos. Sim, são práticas desumanas que violam os princípios respeitantes aos Direitos Humanos, mas são já consequência da negação da liberdade.

Nos sistemas democráticos, não é negada a liberdade de expressão, de pensamento, de associação e de consciência. Nos sistemas repressivos, não só é negada toda a liberdade como se pela utilização da violência se pode reprimir toda e qualquer manifestação de descontentamento, toda e qualquer acção ou reacção que queira pôr fim à situação.

A "Intell" é pois a máquina de supressão da liberdade. E os indonésios não são nada fracas nestas actividades. Os "nanggalas" são da "Intell", o tentara é "Intell", o polisi é "Intell", o "PT" é "Intell", o "guru" é "Intell", o comerciante é "Intell", na indonésia, metade da população persegue a outra metade! Com Timor-Leste uns poucos pri-

vileziados perseguem todo um Povo. Muitos tomaram já consciência e mudaram de at-
 titude e nós temos isso em muito apressado preço. Outros porém estão obcecadas pelas rupiahs.
 O Mundo, hoje, abre os olhos para a democratização. Na Argentina, na Bolívia e na
 Guatemala, a ditadura caiu. No Brasil, na Uruguai e noutros lados, o Povo reclama a de-
 mocracia. Nas Filipinas e na Paquistão, os movimentos pela democracia ganham raízes.
 Se o senhor Mario Carrancalho e outros comparsas (que agora já são "chefes de serviços")
 e que abrem os olhos para as rupiahs da repressão, do crime e da injustiça. Fundadores e pre-
 sidentes ou defensores da União Democrática Timorese, hoje praticam a democracia com o san-
 gue do Povo Mau-Bure. Têm esses indivíduos a consciência limpa. O senhor Mario Carra-
 ncão disse-nos assim: "à noite gosto de dormir sem pesos na consciência! Acredi-
 tamos que nenhuma vez sofreu de insónias, o pobre "gubernur", porque os crimes cometi-
 dos, as injustiças sobre o Povo Mau-Bure têm-lhes assegurado um bocado de sono mi-
 para os seus filhos. Se os seus filhos passassem fome, isto sim, seria uma tonelada
 de chumbo para a sua consciência corroida de rupiahs. Assim como de um valente
 chamado Jori Valente (agora também parece que é diplomata no parlamento indo-
 nésio) sabe já ver o programa nas rupiahs que recebe. Também acreditamos que os
 "jutas" que recebe para falar de progresso de Tim-Tim são mais pesadas que os
 "continhos de reis" que antes recebia... do Colonizalista português e o progresso é
 o rio de sangue do Povo Mau-Bure! Valentes e honestos, estes homens! É pena serem
 indonésios!!!

6 - Pela liberdade de expressão, qualquer indivíduo pode falar sobre o que
 está bem e o que está mal, reclamar sobre o que se deve fazer e o que não se deve
 fazer, opinar sobre o que é justo e o que não é justo, debater, comentar, etc... Com
 Timor-Leste, desde Carrancalho, a Valentes, desde "Asoupai" a "DPR", desde "Camat" a
 "Pezulais", todos sem excepção, só podem SABER DIZER "YA PAK". Aliás também,
 não lhes interessaria em absoluto dizer não. Mesmo os indivíduos insatisfeitos com a situa-
 ção, que intimamente repudiam a presença assassina das forças de ocupação, não tem outro

remédio que dizer, "YA, PAK". Grandes promessas nos fez o "gubernur": "não haverá mais ataques, não haverá mais massacres". Ao fim e ao cabo, o que podemos comprovar que o honesto homem tinha vendido a sua liberdade "ao PAK".

A população é impedida de fazer horta; a população é forçada a ir para as operações de batida; a população é espancada, torturada, presa, enterrada, massacrada. Quem pode falar? A um integracionista, matam-lhe os familiares, a um boupat prendem e torturam um parente, a um DDR massacram-lhe um elemento da família... quem pode falar? "YA, PAK", quem pode falar? Pois bem, estes "nossos" tantos favorecidos, instalados nos "kebupaten", nos "kecamatan", só sabem dizer: "YA, PAK"! Que outra alternativa tem se não dizer isso mesmo: "YA, PAK", já me mataram um sobrinho, já me prenderam um familiar, "YA, PAK", a população vai morrer de fome, "YA, PAK", prende e mata esta gente toda e quando já não houver mais ninguém, prende-me e mata-me e morrerá gritando: "YA, PAK".

O "Camat" Orlando Marques, de Ilioman, foi preso, torturado e morto à fome porque quis insinuar que estava-se a matar muita gente.

O "Camat" ^{Pedro Uprais} ~~Horacio Carapalao~~ de Lore, foi morto porque defendia a população das falsas acusações e prisões arbitrárias.

O "Camat" de Baguis, o de Lalais, e o de Uato-Lari foram presos e desterrados. Porque? Porque estavam a querer contrariar os "PAK". O resultado foi a repressão. Numa das nossas vilas provisoriamente ocupadas pelo inimigo, quando da desida da população às vilas, após as campanhas, um elemento integracionista foi ter com os "nant gilas" que estavam massacrando todos os ex-quedras do FRETILIN, incluindo um familiar dele, e pediu-lhos para que poupassem pelo menos os seus familiares e recebeu a seguinte resposta: "Que nos importa a nós que seja seu familiar este ou aquele: se necessário até vos da Apodoti serão todos mortos e cobriremos esta terra de indonésios". O infeliz integracionista "agradeceu" o conselho e nunca mais teve vontade de falar. Sabemos também que alguns indivíduos (entre os grandes boupat, chefes de serviço, etc) andam desiludidos, lamentando a situação entre pessoas de estrita confiança: "se soubesse-

que a integração era anim, nunca a teríamos desejado. Os indonésios (para não repetirmos as suas amáveis palavras) consideram-nos com simples animais de dois pés! São eseluzecedores estas atitudes! Sim, animais de dois pés, porque os animais não falam e o Mau-Bere, embora seja um ser humano, não tem direito a falar. Mau-Bere, homem, ser humano, igual a outros seres humanos mas reduzido à condição de animal de talho. Aos animais vendemo-los, aos animais perseguimo-los e prendemo-los, aos animais atamo-los e matamo-los, aos animais também espancamos-los. O Mau-Bere está na mesma situação - o "gubernur" e os seus valentes vendem-no para serem "gubernur" e "NPR", etc; o agente da "Intell" persegue-o e prende-o; as autoridades e forças ocupacionistas espancam-no, torturam-no e massacram-no. O Povo Mau-Bere foi tirado à condição de animal, o Povo Mau-Bere perdeu a sua liberdade. Ao Povo Mau-Bere está negado aquilo que é inerente a ele, como ser humano - Liberdade de expressão. O Povo Mau-Bere é obrigado a calar-se e sofrer! O Povo Mau-Bere é obrigado a baixar a cabeça e calar-se! Até quando? Até que se liberte da dominação estrangeira! O Povo Mau-Bere sofre mas continua a lutar; o Povo Mau-Bere cala-se mas continua a lutar nas suas entranhas e só os seus filhos sabem ouvir: **A LUTA CONTINUA ATÉ A LIBERTAÇÃO DA PÁTRIA! LIBERDADE OU MORTE!**

C - Liberdade de pensamento

Todos nós conhecemos os casos (que ocorrem diariamente) em que as autoridades ocupacionistas chamam as pessoas, inquerem e mandam-nas embora, tornam a chamar, espancam e soíam, chamam de novo, torturam e mandam regressar, chamam outra vez, prendem por um dia, ameaçam e soíam, e por aí adiante até que numa noite chamam-nas nas suas casas e desaparecem ou, noutro dia, um é deterrado, outro é preso, etc. É o processo de intimidação, e o método de incutir terror, insegurança, medo. Neste processo, os interrogatórios estão orientados para se conhecer o que o indivíduo pensa, para se descobrir o que traz no íntimo que possa prejudicar a situação de "absoluto controle". As pessoas ficam aterrorizadas, intimidadas ao extremo e começam a desconfiar do próprio pensamento, a

ter receio da própria sombra. Essas pessoas atingidas pela perseguição começam a sofrer de uma tensão psicológica de tal ordem que ficam inseguras de si mesmo, ficam sem vontade para nada e começam a ter medo de tudo e até mesmo de pensar que está a ser objecto da mais cruel repressão e, já no extremo da depressão psíquica e moral, as autoridades de ocupação integram-nas nas fileiras da "Intell" como preço a cobrar por uma situação de não-perseguição, de não tortura física e mental. Este processo está substituindo as célebres "penetranas" (ou coisa que o valha) ! O recurso a domesticação forçada e a negação à liberdade de pensamento. E concordamos, mais uma vez, com a comparação feita por aqueles indivíduos que tomaram consciência de que, afinal, o Povo-Mau-Baca foi relegado à situação de "animais de dois pés". Na verdade, ao cão também se ensina, ao cavalo, à kakatu, ao macaco, ao lorico, etc. e fazem aquilo que lhes ensinamos e queremos que façam, sem saber o que estão fazendo. Assim se encontram os infelizes filhos de Timor-Leste, que à pressão do crime, da ameaça, da violência e da perseguição, são uns docéis instrumentos nas mãos assassinas das autoridades ocupacionistas. E não tem por onde encolher - ou a morte ou o preço demasiado alto da sua vida ! É por causa desta negação da liberdade que as FALINTIL lutam nas matas de Timor-Leste. E nós não seremos levados pela ilusão de que possam ser restituídas as liberdades individuais ao cidadão Mau-Baca, enquanto permanecerem na nossa Terra as forças agressoras. Só assegurando a todo o Povo de Timor-Leste a sua liberdade como Povo, se pode falar de restituição das liberdades como Homem, como ser humano que é cada cidadão Mau-Baca. O problema fundamental está em que ou nós libertamos da dominação e ocupação estrangeira ou continuamos "animais de dois pés". Pensamos também que algumas pessoas podem estar confundidas quanto ao carácter desta guerra. Esta guerra não é uma guerra civil, pois que o Povo de Timor-Leste não é indonésio e os guerrilheiros da FRETILIN não são nenhuns "rebeldes indonésios", como nos querem chamar. Esta guerra é uma guerra de Resistência contra a ocupação militar indonésia. Esta ocupação é ilegal, é uma clara violação do direito interna-

cional; a nossa Resistência é um acto legítimo de defesa dos nossos interesses, do nosso direito e da nossa liberdade. É e por aqui que devemos ver a guerra e é também por aqui que podemos falar da paz. A paz só existirá se não houver guerra e a guerra só pode terminar quando for reconhecido ao Povo Mau-Bure o direito de exercer a sua liberdade. Jarakta está determinada a prosseguir a guerra até a extinção dos guerrilheiros, enquanto vai exterminando o Povo Mau-Bure. A FRETILIN enquanto esteja mais determinada a morrer pela liberdade do seu Povo, aponta a solução negociada como a única via para resolver o conflito entre a Indonésia e Timor-Leste. Dizemos única porque só uma solução assim pode garantir o devido respeito aos interesses da Áreas e da Indonésia como e principalmente aos interesses do Povo Mau-Bure. E os interesses do Povo Mau-Bure resumem-se ao direito de exercer as suas liberdades como Povo e como ser humano.

O prosseguimento da guerra só terá consequências negativas para a Indonésia e para o Povo de Timor-Leste, a sua extinção. Povo de Timor-Leste, um Povo espezinhado, um Povo atirado à condição de "animal de dois pés", um Povo sem direito, um Povo sem liberdade, porque lhe usurparam o direito pelo uso da força e lhe negam a liberdade pela via do crime e da injustiça.

Nós lutamos e todos devemos lutar, com maior firmeza e determinação, com fé e abnegação, para que sejam restituídas ao cidadão Mau-Bure as suas liberdades e, ao termos conseguido isso, se assegurarmos a todo o Povo de Timor-Leste a sua identidade étnica, cultural e social. A defesa dessa identidade é a defesa do seu DIREITO FUNDAMENTAL; a defesa dessa identidade é a defesa da sua LIBERDADE de, como Povo, pronunciar-se sobre o seu destino.

d - Liberdade de associação (política, cultural e de qualquer outra ordem). Após o 25 de Abril em Portugal, apareceram vários movimentos — era o processo de democratização que se iniciava. Recém-saídos das trevas coloniais, o extremismo exagerado de todos, que encontrou a sua solução na guerra civil, só demonstrou imaturidade política, compreensível em fenómenos sociais que se iniciam. O fulgor da liberdade ateu o

incêndio de uma guerra que só trouxe a nós próprios tristeza e sofrimentos. As vinganças de ordem partidária juntaram-se ódios recalcados de antigamente e os resultados excederam tudo quanto se podia esperar. Era o baptismo de sangue da nossa própria liberdade! Não são simples "mea culpa" estas considerações; são, antes, tomadas de consciência dos erros que ainda hoje persistem entre os filhos de Timor-Leste, cujas actividades alimentam as injustiças e as actividades que os ocupantes vem cometendo. Mas voltemos ao assunto: A Liberdade colectiva de uma dada sociedade insere-se no direito a fazer parte de associações, tanto políticas (partidos, sindicatos, etc) como culturais, religiosas, ou de ordem social ou humanitária. E isso não existe em Timor Leste, em virtude do sistema de dominação e ocupação da nossa Pátria.

Na verdade, isso não pode acontecer, enquanto permanecerem aqui as forças de ocupação. O senhor Mário Carrascalão afirmou-nos que não admite mais partidos em Timor-Leste e que já disse a toda a gente que não quer ouvir falar de partidos. Tem tanto medo de falar de partidos, o senhor Mário Carrascalão! Criou a UDT, promoveu a guerra civil; fez-se indonésio, tornou-se "gubernur" e não admite que outros pensam o contrário dele. Diplomata viajado (que "recusou" simplesmente milhões de dólares para aceitar ser "gubernur" de "Tim-Tim" com umas poucas "jutas" de rupias porque ANA está Terra) deve saber que a negação da liberdade de associação é violação aos Direitos Humanos. Disse-nos também que Golkar não é um partido e que todos ~~faria~~ deveriam fazer parte de Golkar e pronto, é a verticalidade da lei Indonésia. Realmente, na verticalidade portuguesa, o senhor Mário Carrascalão era deputado por Timor na ANP. Evolução (do espírito) na continuidade, sem necessidade de mais comentários.

A FRETILIN defende o ponto de vista contrário - o da liberdade de associação! A FRETILIN sabe que existe indivíduos que não desejam ficar-se no Movimento; pois bem, há outros movimentos nacionalistas de qualquer pessoa pode fazer parte. Outros não quererão nem um nem outro; tem a liberdade plena de não pertencer a nenhum. Todavia, porque desunidos somos fracos, todos nos devemos dar as mãos e

juntar os nossos esforços para derrotarmos o poderoso inimigo e alcançarmos a nossa liberdade.

Vamos ver o que acontece com o Povo Mau-Bere, nestes anos de dominação e ocupação militar indonésia. Sob constante ameaça, a população está impedida de circular. Em Dili (que se tornou uma cidade de indonésios de toda a costa, e dos poucos privilegiados, alimentados e engordados pelos ocupantes).

Como em todo o lado, à noite, é a polícia que ronda, os espíões pululam, os "nang'ala" espreitam, os "hanship" espiam. De dia, os cidadãos de Timor-Leste não podem manter uma conversa a dois, sem serem imediatamente chamados; não podem andar em grupos sem serem imediatamente espancados ou presos; não podem visitar os familiares e amigos sem serem imediatamente suspeitos. Enfim, os parentes olham-se como desconhecidos, os amigos são evitados, as conversas são fugidias, não vai algum "vitell" ou "nang'ala" aparecer e...

as consequências são a tortura, o espancamento, a prisão, o desterro ou o desaparecimento. Rir alto não se pode, ^{olhar os lados e proibir cruzar os braços muito melhor} indicar com o dedo também não, falar com outros é perigoso e, assim, o Povo de Timor-Leste vive sob um clima de terror, o cidadão Mau-Bere é um homem aterrorizado, triste e infeliz que até tem medo de pensar (porque lhe podem perguntar, por isso quando um dia for chamado); repetimos, tem até medo de pensar que está sob uma permanente ameaça e que realmente vale a pena lutar para se libertar da opressão e da dominação estrangeira. O cidadão Mau-Bere ainda permanentemente assustado, não pode ir à horta, não pode ir à outra vila, a outro campo nem a outra casa. Não pode mover-se, está encurralado e sem pôr à espera que o chamem ou de dia ou de noite, a comer ou a dormir, a andar ou a trabalhar, em qualquer hora e em qualquer momento.

O Povo Mau-Bere sofre porque perdeu a liberdade. O Povo Mau-Bere sofre porque já não possui nenhum direito. Tiraram-no pela força das armas e continuam a negá-lo pela força do crime e da injustiça. E tantas benditas almas, que se acotam

nos montes de rupiahs, só sabem ver o "progresso" nas rupiahs que recebem nos "quiosques" da pobreza, nos zinecos da fome porque não sabem que o progresso social só pode ser concebido em termos de justiça social, em termos de direito que a cada um assiste. A noção da justiça está borrada com o sangue do Povo Mau-Bere e a injustiça é o crime receberam o nome de justiça em prémios de rupiahs.

Para haver paz, deve-se reconhecer o direito, para haver justiça, deve existir a liberdade. Sem liberdade e sem direito, não pode haver paz nem justiça. Se erradicarmos o crime e a injustiça de Timor-Leste, quando ao Povo Mau-Bere se lhe reconhecer o direito de ser livre, como Povo e como ser humano. Como ser humano, o cidadão Mau-Bere não é livre se como Povo não se tornar livre, independente e soberano. Todas as conjecturas que se fazem para exprimir a actual situação em Timor-Leste, deve partir desta base única - a causa das injustiças e dos crimes é a contínua presença das forças de ocupação e, para se pôr termo à repressão desumana que hoje se comete, deve ser reconhecido ao Povo Mau-Bere o seu direito fundamental: escolher livremente o seu próprio destino. Quando isso acontecer, não haverá mais guerra e haverá paz e, então, serão plenamente restituídas ao Povo Mau-Bere e ao cidadão Mau-Bere as suas liberdades individuais e colectivas.

Mas não se alcança nada sem esforço, não se alcança nada sem uma acção decidida e contínua. Enquanto procuro de libertação o sofrimento, o sangue e a morte são inevitáveis. Muitos morreram desde a violação das fronteiras, outros morreram na invasão, muitos mais morreram nas anárricas campanhas, outros (e não são poucos) continuam morrendo nas vilas e, nas matas de Timor-Leste, morrem e continuarão a morrer. Todos, porém, morreram conscientes de que só o sacrifício da sua própria vida pode contribuir para, um dia, libertarmos a Pátria da ocupação indonésia e o Povo Mau-Bere da sua dominação. As FALINTIL não lutam porque têm medo de morrer nas vilas, aqui, a morte espreita-nos em cada momento. As FALINTIL não lutam para depois serem "Boupat" ou "Camat", "Pejarais" ou "MPR", as FALINTIL ASUAIEN LUTAM

por um IDEAL - o ideal de libertar o Povo e a Pátria Mau-Bere! As FALINTIL ASWAIN lutam pelo DIREITO FUNDAMENTAL que assiste o Povo Mau-Bere. As FALINTIL lutam pela democracia, pela liberdade, pela justiça, pela Unidade de todos os filhos de Timor-Leste, pela paz e pelo progresso. Por isso é que a FRETILIN apela a todos os nacionalistas e a todos os quantos se possam identificar com o Povo Mau-Bere, UNIDADE de pensamento e esforços, perseverança na luta e fé na VITÓRIA! Neste sentido também é que a FRETILIN apela para juntarmos forças numa grande FRENTE de combate contra a ocupação e dominação indonésia.

3. Onde se inscreve então a democracia? Na liberdade que cada um indivíduo tem de expressar, de pensar, de associar-se, etc e no direito de exercer essa liberdade. Na liberdade que cada indivíduo tem de seguir ou não determinado culto. Na defesa da justiça, na defesa das normas que reconhecem a cada indivíduo os seus direitos; na não imposição de sistemas pelo uso da força. Na abolição da polícia política que é a máquina de supressão da liberdade individual. No reconhecimento e na participação de todas as forças políticas. E na prática do diálogo e da livre discussão sobre os problemas e sobre a sua solução.

Assim sendo, a democracia só pode existir quando existe, a liberdade só se sente livre quem possui, como património, o direito de exercer essa liberdade.

A democracia é negada em sistemas de ocupação e dominação e Timor-Leste está sob ocupação indonésia. Só o fim da guerra poderá trazer, com a paz, a liberdade, a democracia, a justiça e o fim às constantes violações aos direitos humanos do Homem. Ninguém deve sonhar que, com a rendição dos guerrilheiros da FRETILIN, haverá justiça, haverá liberdade ou haverá democracia. O Povo Mau-Bere bem sabe disso e, no processo das manobras, conversações de ES, o Povo Mau-Bere pensando que nos fôssemos render, levantou bem alto, a sua voz: "Não venham render, pois a vossa rendição é o fim de nós todos. Ainda não pagamos o imposto pelo pedaço da terra sobre o qual dormimos; ainda pagamos o imposto pelos nossos coqueiros; ainda não

pagamos o imposto pelo exiguo terreno que lavramos, ainda não pagamos o imposto de sermos escravos, porque nós continuais a lutar! Nós estamos a sofrer e a morrer pela nossa liberdade, nós aceitamos todos os sacrifícios para sermos livres! Não venham, pelos corpos que tombaram nestes anos todos; não venham, pelo sangue que foi derramado na nossa Terra! Continuem a lutar, pois nós continuamos determinados a aceitar os sofrimentos e a morte que o nosso processo exige!"

As FALINTIL não trairão o mar de sangue que corre no solo Timor!

Pela defesa do direito, da liberdade e democracia, as FALINTIL continuarão, sem des-
falcimentos, a lutar e a morrer!

Um acto autêntico da liberdade e democracia, e o exercício do direito de escolher o próprio destino a ao Povo Mau-Bere foi-lhe negado esse direito. Porque é que Jakarta não aceita o Referendum? Porque Jakarta sabe que o Povo Mau-Bere repudia a integração, que o Povo Mau-Bere sabe o que é liberdade, o que é democracia. E Jakarta não permite a entrada de observadores independentes (e fá-lo somente com os elementos que se tornaram cúmplices dos seus crimes), porque sabe bem que todo o Povo Mau-Bere se indentificou com a Resistência contra a ocupação militar da sua Pátria. O Povo Mau-Bere torturado, massacrado, perseguido, maltratado, violado na sua dignidade continua a lutar.

PÁTRIA OU MORTE!

A RESISTÊNCIA CONTINUA nas vilas e nas montanhas de Timor-Leste!

A VITÓRIA É CERTA E INEVITÁVEL!

Timor-Leste, nossa Pátria, dominado e ocupado, em Maio de 1984. —